

**TÍTULO, GRAVATA E OLHO:
RECURSOS ARGUMENTATIVOS NA REVISTA *REALIDADE***

**TITLE, ASCOT AND EYE: ARGUMENTATIVE RESOURCES ON REALIDADE
MAGAZINE**

Hertez Wendel de Camargo¹

Resumo: Este artigo aborda as pessoas enunciativas como recursos argumentativos presentes nos títulos, gravatas e olhos da revista *Realidade* (1966-1976). Discutem-se as características da reportagem *Nunca sonhei com isto*, produzida pelo escritor de ficção científica, o americano Ray Bradbury. Aponta-se como as pessoas enunciativas “amarram” o discurso - que se deseja neutro - da revista ao mesmo tempo em que despertam o interesse pela leitura. Conclui-se que o *eu* de Bradbury em seu relato é um *ele* por estar inserido no enunciado da revista. O conjunto formado pelos dêiticos textuais figura como enunciados da revista, como vozes/frases/gritos na página e conseguem contribuir para mobilizar a permanente atenção/comunicação com o leitor.

Palavras-chave: linguagem; argumentação; imprensa; revista *Realidade*.

Abstract: This article approached the enunciative peoples as a resources argumentative actual at the bonds, neckties end eyes from the magazine *Realidade* (1966-1976). Talks over - in case that the characteristics from the he reports to *Never I dreamed along this*, produces by the writer fictional scientific, the american Ray Bradbury. Appoints - in case that like the enunciative peoples “to bind” the discourse that if wishes apolitical from the magazine at the same moment wherein awoke the interest pela milk. Completes - in case that than it is to the one I as of Bradbury well into your own I relate that's a he by be inserted at the enunciation from the magazine. The kit formed by the textual deitics figure as a enunciation from the magazine, as a voices / phrases / bellows on page and affords add up about to mobilize the one abiding alertness / communication with the lecturer.

Palavras-chave: language; argumentation; media; *Realidade* magazine.

1. Introdução

¹ Aluno especial da disciplina *Semântica Argumentativa*, pós-graduação em Estudos da Linguagem, UEL. hertzwendel@yahoo.com.br

Gravata e olho são termos do jornalismo impresso. A *gravata* (também chamada de *linhã-fina*) surge em jornais e revistas geralmente logo abaixo do título da reportagem, corresponde a um subtítulo que estende as informações contidas no título, que de certa forma explica o *título*. O *olho* (também chamado de *janela*) é um trecho do texto da reportagem cujo autor (o repórter) ou editor julga importante destacar. Por si só, o olho é um recurso argumentativo, pois graficamente, ele é concebido com tipologias, cores, tamanhos de tipos e disposição na página (diagramação) diferenciados, que ao mesmo tempo lança, ao leitor, migalhas da reportagem, indica em qual parte da reportagem está aquele trecho, recorta o assunto possibilitando ao leitor “pular” partes e ir para partes que a revista julgou mais importantes para serem lidas.

Elementos lingüísticos repletos de intencionalidades e recursos persuasivos encontrados nesses três elementos contrariam o discurso da neutralidade jornalística. Para os propósitos deste estudo, não serão considerados os recursos visuais como a diagramação e as imagens fotográficas. A análise estará concentrada numa reportagem da revista *Realidade*, publicada em fevereiro de 1968, justificando-se a seleção desta revista não apenas por sua importância histórica, mas que, por se tratar de uma publicação antiga, e também tornar possível perceber a evolução do idioma e da linguagem jornalística em comparação ao texto contemporâneo. Esse *olhar para o passado* revela uma produção de sentidos mais “inocente” e “transparente” que a do que a dos tempos atuais e, desta forma, contribui para o olhar sobre as modernas produções midiáticas.

2. Revista *Realidade* e o discurso da neutralidade jornalística

Na história da imprensa brasileira, a revista *Realidade* (1966-1976) foi marcante por adotar uma linha editorial ousada para a época de seu lançamento, desfrutando de grande receptividade junto aos leitores. Sustentava o discurso de uma publicação em que, de forma “nua e crua”, as realidades brasileira e internacional eram expostas ao leitor, sem rodeios, pois se julgava que o leitor estava cansado de publicações nas quais imperavam futilidades ou as temáticas de interesse de grupos políticos e econômicos.

Publicada pela Editora Abril, a revista destacou-se por abordar temas que geralmente eram tidos como tabu (sexo, juventude, religião, injustiças sociais etc.) o que lhe proporcionou não apenas sucesso, mas também, como se poderia esperar, rendeu-lhe a perseguição pelo

regime ditatorial. O lançamento da revista foi decorrência do momento vivido por uma imprensa pulsante, viva, repleta de idéias e que testemunhava o esgotamento da tendência a uma abordagem superficial. A linhagem que precede *Realidade*, como as revistas *O Cruzeiro* (1928-1975) e *Manchete* (1952-2000), evidencia essa percepção do mercado jornalístico e de sua relação com o leitor na época.

Com periodicidade mensal, a revista poderia ser mais bem-elaborada por seus editores e fotógrafos, o que se presume reportagens mais esmeradas, em termos estilísticos. Com mais tempo para elaboração e com uma estreita ligação com o jornalismo literário, a revista *Realidade* conquistou espaço no mercado, pois até seu lançamento, tal impacto texto-visual somente *O Cruzeiro* tinha conseguido nos anos 1940 com a implantação da fotorreportagem. As reportagens da revista *Realidade* por seu turno, mantinham a diagramação tradicional da fotorreportagem, porém, seus títulos, gravatas e olhos recebiam atenção especial dos redatores. Diferentemente de outras revistas, esses textos que abriam a reportagem não tinham apenas a função de informar o leitor sobre o assunto da reportagem e sim a função de criar impacto, “agarrar”, “gritar” na página, situar o leitor nas partes da reportagem, convidar à leitura. A revista *Realidade* representa a não-existência da neutralidade jornalística, tão apregoada nas escolas de comunicação e no mercado jornalístico. Para Faro (1999), a revista *Realidade* possuía:

[...] uma proposta marcada, a um só tempo, pela horizontalidade e pela verticalidade, no sentido de que situava o leitor no âmbito universal dos problemas de seu tempo, mas não o fazia de forma acanhada ou apenas plástica; fazia isso desnudando a crise do contemporâneo. A revista procurava dar ao público a dimensão essencial de suas indagações através de uma extraordinária variedade temática [...]. Mas numa pauta nada aleatória, muito menos um universo de situações que não guardavam relação entre si [...].

Percebe-se, na visão do autor, como a simples seleção de assuntos (pauta) não era uma escolha às cegas e sim com critérios que buscavam impressionar, instigar, questionar, motivar, convencer o leitor de que a revista, de fato, atinge de forma clara e objetiva o seu propósito: recompor a realidade em texto e imagem. Para tanto, a revista se utiliza de diversos recursos que se podem identificar como argumentativos². A argumentatividade da revista está presente nos temas abordados, na imagem (capa, diagramação, produção gráfica, fotografia), no texto e até mesmo no próprio título da revista, tudo em prol da construção de um discurso em que o

² De argumentar, do latim *argumentare*, v. int., sustentar ou impugnar com argumentos; deduzir como consequência natural de um princípio ou de um fato; alegar; rebater. In. **Priberam Língua Portuguesa On-Line**. Disponível em <http://www.priberam.pt/dlpo/dlpo.aspx>. Acesso em 08 de jan. de 2008.

real, o fato que acontece no mundo – presentificado em papel, imagem, texto e ideologia – torna-se mais verdadeiro e realístico a partir do momento em que é traduzido em linguagem jornalística.

A reportagem apresenta diversos dêiticos que se podem identificar em dois grupos principais: os **visuais** (fotografia, diagramação, produção gráfica) e os **textuais** (títulos, gravatas, olhos, legendas). É importante lembrar que o conjunto imagem-texto é indissociável dos produtos midiáticos e sua apreensão/interpretação é onde se dá a construção de sentidos e conhecimentos em relação ao mundo. Aqui serão focalizados os textos do *título*, *gravata* e *olhos* da reportagem, sem inclusão do não-verbal, o que por razões de recorte de análise, pode ser transferido para um momento posterior.

O trecho a seguir, é transcrito livre dos dêiticos visuais. As palavras em negrito identificam o papel de cada enunciado na reportagem tal como foi publicada:

Título: “NUNCA SONHEI COM ISTO”, por Ray Bradbury. **Gravata:** Ray Bradbury, o maior escritor de ficção científica de nossos tempos, jamais tinha visto de perto uma nave espacial, jamais tinha sequer conhecido um astronauta pessoalmente. Então foi visitar Cabo Kennedy. E êle³, acostumado a sonhar com um futuro muito além do seu alcance, espantou-se com a própria “ignorância”. Agora, ao descrever o lugar que há vinte anos atrás só existe em suas novelas, Bradbury confessa que o lançamento de um foguete ultrapassa infinitamente o que podia imaginar e corrige as previsões que fêz num de seus livros em 1950: chegaremos à Lua não em 1975, mas daqui a dois anos; e a Marte não no finzinho do século, mas daqui a doze anos. **Olho 1:** “É estranho, complicado, amedrontador”; **Olho 2:** “Aqui ensaiam nossa própria História”; **Olho 3:** “Aqui a lua nasce e morre dentro duma sala”; **Olho 4:** “Aqui se aprende até a pensar com os dedos”; **Olho 5:** “Daqui o homem partirá para outros mundos”; **Olho 6:** “E a terra, de quem será?” (REVISTA REALIDADE, ed. 23, fev. de 1968).

Conclui-se, portanto, que em contraste com a intenção de apresentar a realidade *nua e crua*, a realidade apresentada pela revista não se faz tão “nua” e sim travestida de intenções; e que também não se faz tão “crua”, pois denota que para a construção de títulos, gravatas e olhos, o jornalista deve dominar tais recursos, atraindo a atenção do leitor.

3. Os vários eus da reportagem: nós

³ Por ser uma transposição de texto para análise e por se pretender mostrar o contraste entre a escrita mais antiga e a atual, optou-se por manter a ortografia e o estilo vigentes na época da publicação da reportagem.

Quando Benveniste utiliza os termos latinos *ego*, *hic* e *nunc* (eu, aqui e agora) para explicar que “a enunciação é o lugar de instauração do sujeito e este é o ponto de referência das relações espaço-temporais”,⁴ diretamente os posiciona como um denominador comum, a essência presente em todas as línguas e linguagens. O *eu* é o elemento pelo qual se movimenta o discurso, do qual desejos e intenções fluem, escorrem, percorrem. É a partir do *eu* que tempo e espaço são definidos através do enunciando e da linguagem. O *eu* em suas três hierarquias enunciativas do discurso: enunciador, narrador e interlocutor.

Ao folhear a revista e a partir da leitura de título, gravata e olhos, o leitor se depara com diversos *eus*. O título [“Nunca sonhei com isto”] nos dá poucas marcas enunciativas, porém o *eu* está presente por meio do verbo em primeira pessoa no pretérito perfeito. Este *eu* é o do escritor, pois a informação “por Ray Bradbury” logo indica que o texto a seguir é uma história inserida num mundo comentado, que possui um narrador, um sujeito, um enunciador.

[...] Ducrot considera o locutor (L) o agente da atividade lingüística, diversamente de enunciador (Lo) que é o sujeito da enunciação. O enunciador está para o locutor assim como a personagem está para o autor; é o locutor e não o enunciador o responsável pelo material lingüístico, da mesma forma que a personagem de teatro é responsável pelo texto escrito pelo autor (GOMES, p. 124).

O leitor está diante, a partir da leitura do título da reportagem, de um enunciado do próprio enunciador (Bradbury). O pronome demonstrativo do enunciado – *isto* – é o elemento que dá margem a outras informações, que instiga o leitor à busca de um complemento, uma resposta, que o impulsiona ao enunciado seguinte, representado pela gravata, que é um tipo de subtítulo. A gravata da reportagem denota um outro *eu*. Não é o enunciador do título que se comunica com o leitor e sim o editor que se esconde sob o sujeito revista. O enunciador da gravata é a pessoa presente sem estar presente, detentora de um repertório sócio-lingüístico-cultural que lhe permite tecer o enunciado como se este não fosse uma opinião pessoal e sim da revista, um tipo personagem, mas impessoal, neutro, que tem a “responsabilidade” de informar. O tempo verbal deste enunciado é o da terceira pessoa, como se o editor se eximisse da enunciação. Para Koch (2006), a transposição do tempo do enunciado (que, como fato jornalístico sempre estará no passado) para o tempo presente é um facilitador do comentário pelo leitor.

⁴ Benveniste citado por Fiorin (2007).

É por esta razão, também, que as manchetes de jornal apresentam geralmente o verbo no presente (ou, então, elidido): é a partir delas que se fará o comentário. É através delas que se solicita a atenção do leitor. É por isso, ainda, que, em descrições incorporadas a um relato, tem-se o verbo no imperfeito, ao passo que, em trechos descritivos dentro do comentário, o verbo apresenta-se no presente (KOCH,2006, p. 37).

Ao transpor a personagem (Bradbury) e sua ação para o presente, a revista convida o leitor a participar da notícia, a vivenciar no tempo presente da ação – nessa recomposição da realidade – e o convence que é real. Isto por si só é um recurso argumentativo. Agora a personagem e sua experiência pertencem a um mundo narrado, um mundo que pode ser observado pelo tanto pelo editor o verdadeiro *eu* por trás enunciado (a gravata) como pelo leitor, o *tu* ao qual o enunciado se dirige.

Neste caso, o editor posiciona a revista como um agente da atividade lingüística (locutor), é a revista que dá “voz” à enunciação do editor. É como se a revista (inerte, de papel, objeto) agora ganhasse vida, fosse o sujeito que enuncia, que se esforça em agarrar o leitor pela curiosidade despertada pelo título. Ou, simplesmente, ampliar as pistas lançadas ao leitor. Pode-se destacar, na gravata, recursos argumentativos usados pela revista como a expressão *o maior escritor de ficção científica de nossos tempos*, a repetição do advérbio *jamais*, o uso da locução adverbial *muito além*, a palavra *ignorância* entre aspas, o uso do advérbio *infinitamente* e do substantivo *finzinho*. Todos são dêiticos intensificadores da enunciação.

Sendo assim, logo na primeira página da reportagem, há dois *eus* que se comunicam com o leitor (o enunciatário): o eu locutor-enunciador que é o autor da reportagem (Bradbury), presente no título em forma textual, prestes a narrar sua experiência pessoal; e o eu locutor-enunciador do jornalista (editor), presente na gravata, em forma textual, que coloca o autor do texto (Bradbury) como personagem de um mundo narrado, e pousa sobre ele seu enunciado. Reitera-se, desse modo, sua “neutralidade” jornalística.

Observem-se os olhos (ou janelas) da reportagem e seus enunciados, em que o eu locutor-enunciador Bradbury está presente. O primeiro olho apresenta o seguinte enunciado **“É estranho, complicado, amedrontador”**, e trata-se de uma referência clara à opinião do locutor-enunciador, aos seus sentimentos. No segundo olho, Bradbury insere o leitor na sua experiência, impondo a este a sua inclusão no enunciado (na primeira pessoa do plural: nós), buscando tirá-lo da posição passiva de enunciatário e o convidando a acompanhá-lo no discurso: **“Aqui ensaiam nossa própria História”**. No terceiro olho, a escolha de verbos,

substantivos e ideologias de sentidos opostos como nascer e morrer, lua (amplidão/liberdade) e sala (restrição/prisão), natureza (mundo natural) e cidade (mundo artificial) criam um contraste poético, toca a memória cultural humana, aproxima os extremos e torna o enunciado atraente: **“Aqui a lua nasce e morre dentro duma sala”**.

O discurso de valorização do mundo do artifício, o universo criado pelo homem, permeia os enunciados do quarto e do quinto olho: **“Aqui se aprende até a pensar com os dedos”** e **“Daqui o homem partirá para outros mundos”**.

O último olho evidencia que Bradbury se utiliza de um recurso argumentativo que dá continuidade ao discurso do olho anterior, pontua o fechamento da reportagem e instiga o leitor a continuar em busca de uma resposta: **“E a terra, de quem será?”**.

O eu locutor-enunciador da revista se manifesta por meio do uso dos próprios olhos que, como janelas, abrem-se para os efeitos de sentido desejados, intencionados pela revista. O fato de se abrir um olho na página da reportagem e os colocar entre aspas são, por si só, indícios de que a publicação deseja que o leitor tenha a interpretação do seu interesse, mesmo que em cada enunciado fique claro – textualmente – que é Bradbury seu sujeito. Ao selecionar os fragmentos textuais do enunciado de Bradbury, o editor – sob a roupagem da neutralidade que os recursos argumentativos lhe permitem – burla a percepção do leitor, intensificando o relato do escritor, tornando-o mais verdadeiro e se “excluindo” de sua “opinião de jornalista”.

Tanto os enunciados de Bradbury (seus conteúdos) como os enunciados da revista (conteúdo da gravata e a forma dos olhos) estão a serviço da intensificação e da recomposição da experiência do escritor, enfim, intencionam persuadir o leitor de que o que ele lê e vê pertence à realidade, pois:

Dentro da instância enunciativa, o enunciador quer fazer crer, quer chamar a atenção do enunciatário “dizendo sem ter dito” e este deve captar o verdadeiro sentido, no interior do quadro interpretativo e persuasivo. O locutor, dentro do enunciado, traça os pontos de vista e as atitudes do enunciador (KOCH, 2006, p. 125).

Os diversos *eus* se encontram na reportagem, em suas páginas, e só podem ser percebidos isoladamente quando assim analisados. Na página da revista *Realidade* eles estão amalgamados, se interpenetram, são nós que atam os diversos *eus*. Os diversos eus da enunciação criam nós, amarram o leitor, servem não como chamariz, mas retificam a mensagem, intensificam a veracidade do discurso, pois são os *eus* enunciando, servem, portanto, como potencializadores da linguagem, recursos de argumentação, pois forçam o

leitor a “dar ouvidos”. “Dentro da instância enunciativa, o enunciador quer fazer crer, quer chamar a atenção do enunciatário “dizendo sem ter dito” e este deve captar o verdadeiro sentido, no interior do quadro interpretativo e persuasivo. O locutor, dentro do enunciado, traça os pontos de vista e as atitudes do enunciador (KOCH, 2006, p. 125).

Ao deparar-se com esses diversos locutores/enunciadores presentes na página, o leitor os apreende como um conjunto e é na força desse conjunto que reside a construção do fato/reportagem/relato como verdade, como real. É na presença de diversos *eus*, de diversos sujeitos que narram, enunciam, locutam – argumentam – que aquela realidade narrada é presentificada, torna-se real, verdadeira.

4. Considerações finais

Surpreender o leitor com a reportagem, com a notícia, com a enunciação e criar efeitos de sentidos para a recomposição e apreensão da realidade é a intenção da revista. Os diversos *eus* aos quais as enunciações, narrativas e interlocuções da revista estão atadas seguem seu fluxo, aportam no leitor que é ao mesmo tempo enunciatário, narratário e interlocutário. Toda a comunicação da revista só faz sentido a partir do momento em que o ciclo se fecha, em que é lida, interpretada. Não se concebe uma enunciação sem o enunciatário, ambos indissociáveis para a completude da argumentatividade da própria revista. O eu não existe sem o tu. E os diversos eus só passam a fazer sentido a partir do momento em que se juntam ao tu-leitor, mas no ponto de vista do leitor, que também é sujeito a partir do momento em que lê (“eu leio a revista agora em algum lugar”) de certa forma participa ativamente do sentido da enunciação.

Além disso, os diversos eus assumem concomitantemente papéis de pessoas enunciativas diferentes. O *eu* de Bradbury está inserido no enunciado da revista em compõe um relato em que se torna um *ele*. Ao publicar o relato do escritor, é como se a revista dissesse: “*Eu*, revista Realidade, digo que Bradbury disse: *eu* nunca sonhei com isto...”. E o *eu*-revista é na verdade um *eu*-editor disfarçado. Os dêiticos textuais atuam no interior dos enunciados, funcionando como vozes/frases/gritos na página e seu papel é promover atenção/comunicação com o leitor. Formam um conjunto que dá possibilidade à compreensão da mensagem, a interpretação do conteúdo, a assimilação do discurso da publicação.

4. REFERÊNCIAS

OLIVEIRA, Esther Gomes de. Argumentação: da Idade Média ao Século XX. In **Signum: Estud. Ling.**, Londrina, p. 109-131, dez 2004.

FARO, J. S. **Revista Realidade, 1966-1968**. Tempo da Reportagem na Imprensa Brasileira. ULBRA, 1999.

REALIDADE, Ano II, Número 23, Editora Abril, Fevereiro de 1968.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Argumentação e linguagem**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

FIORIN, José Luiz (org.) **Introdução à lingüística**. São Paulo: Contexto, 2007.